

Mais*

PRA GANHAR A VIDA

Cerca de 29 mil soteropolitanos a mais passaram a trabalhar em vias públicas de 2015 para 2016, segundo dados do IBGE. O número saltou de 32 mil para 61 mil pessoas no período e foi o maior aumento entre capitais brasileiras

MERCADO DE TRABALHO PESQUISA

Emprego improvisado

Número de soteropolitanos trabalhando nas ruas dobrou

Nilson Marinho e Julia Vigne

mais@correio24horas.com.br

Em apenas um ano, saltou de 32 mil para 61 mil o número de pessoas trabalhando nas vias ou áreas públicas da capital baiana. Foi o maior aumento dentre as capitais brasileiras. Desse total, 34 mil são homens e 27 mil são mulheres. Os dados foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua).

Foi o caso de Fábio dos Santos, 23 anos. Demitido em 2015 do emprego de auxiliar de entrega, decidiu ir para a rua ganhar a vida e entrou para a estatística. Ele investiu suas economias no próprio negócio e, há seis meses, fez da parte traseira do veículo da família - um carro modelo Strada - uma espécie de hortifrúti ambulante. O negócio, em parceria com o pai, está indo bem e Fábio já chega a faturar cerca de R\$ 4 mil por mês, um aumento de mais de 400% na renda, levando em consideração seu antigo salário de R\$ 980.

O feirante pode até ter se livrado das amarguras do seu antigo emprego, mas passou a manusear uma faca de dois gumes. Se por um lado, ter se livrado do relógio de ponto foi um alívio, por outro, ser dono do seu próprio negócio também passou a ser sinônimo de preocupação, já que o seu trabalho ainda é considerado informal. "Eu acho que é mais vantagem porque a gente trabalha para os outros, ganha mal e não é valorizado. Às vezes, eles acabam não dando os benefícios que temos direito", avalia Fábio.

A solução para ganhar a vida foi a mesma encontrada por Renato Costa, que era garçom e foi demitido em 2015. A partir daí, o jeito foi vender frutas em um carrinho de mão pelas ruas. Há seis meses, ele montou uma barraquinha na Av.



MAURO AKIN NASSOR

Centenário. "Decidi abrir meu negócio e trabalhar pra mim mesmo. Fiz isso depois que a empresa começou a cortar os funcionários e acabou entrando no corte", conta.

ANÁLISE DOS DADOS

Para Mariana Viveiros, analista de Disseminação de Informações do IBGE, esse aumento no número de pessoas trabalhando nas vias públicas está ligado, sobretudo, às posições desfavoráveis que a Bahia e Salvador enfrentaram nos últimos anos, quando o estado, em 2016, ficou em primeiro lugar com a maior taxa de

pessoas desocupadas do Brasil. Salvador, nesse mesmo ano, teve a maior taxa do país entre as capitais.

"A Bahia e Salvador fecharam o ano passado com maior taxa de desocupação. Nós vemos um mercado que não tem um sinal claro de recuperação. Essa é uma realidade dos centros urbanos. Você testemunha uma perda do emprego tradicional e, com isso, as pessoas passam a buscar soluções. Ter pessoas ocupando esses cargos não é, necessariamente, uma coisa ruim", pondera a analista.

A Região Metropolitana de

Salvador (RMS) também registrou um acréscimo no número de pessoas que trabalhavam nas ruas (39,3%) de 2015 para 2016, chegando a 75 mil. Para se ter ideia, toda a iniciativa privada da RMS emprega 1,5 milhão de trabalhadores. O aumento de pessoas trabalhando nas ruas foi de 21 mil a mais.

A RMS ficou em segundo lugar quanto ao aumento entre as regiões metropolitanas pesquisadas. Em termos absolutos, ficou atrás apenas da Região Metropolitana de São Paulo - com aumento de 28,7 mil pessoas. Já em termos re-



lativos, ficou abaixo de Manaus - com aumento de 40,6%. "Esses dados não são apenas de ambulantes, mas de pessoas que vão de porta em porta, que entregam panfletos, que vendem artesanato, dentre outros", explicou a analista do IBGE.

EM CASA GANHANDO MAIS

Em 2016, 6,3% dos cerca de 1,18 milhão de soteropolitanos ocupados na iniciativa privada - exceto trabalhadores domésticos -, ou 74,3 mil pessoas, trabalhavam em casa. Esse era o terceiro maior percentual entre as capitais pesquisadas, abaixo apenas de Natal (9,5%) e Belém (7,8%), e bem acima da média do país que foi de 2,8% e maior também que a média da Bahia, onde os que trabalham em casa representam 4,1% dos ocupados na iniciativa.

Os motivos que levaram o designer José Roberto Almeida, 32, a trabalhar em casa ou em qualquer lugar com uma boa conexão com a internet foram vários: desde se livrar dos alugueis caros que pagava para manter uma sede fixa do seu negócio, até ter o privilégio de ter uma agenda flexível. Desde 2015, o designer comanda sua startup de qualquer lugar tendo em mãos um notebook ou um celular.

A decisão não foi só para conter os gastos, mas por perceber que essa é uma tendência mundial, sobretudo entre os empreendedores digitais. "Você se livra de custo de IPTU, luz, água e passa a ter uma rotina mais organizada", contabiliza o designer.

Atualmente, trabalha na startup outras quatro pessoas e todas elas cumprem com suas obrigações em casa e, eventualmente, se encontram em locais chamados de coworking - salas que podem ser alugadas para reuniões.

"São novas formas de inserção no mercado de trabalho. Você pode estar produzindo em qualquer lugar. Isso é uma tendência internacional que também repercute no Brasil", explica Guillermo Etkin, coordenador de pesquisas sociais da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

●● Decidi abrir meu negócio e trabalhar pra mim mesmo depois que fui cortado da empresa Renato Costa

Ex-garçom que montou uma barraquinha de frutas na Av. Centenário

SAINDO DA INFORMALIDADE

A Pnad Contínua constatou também o aumento da formalização do emprego via CNPJ, tanto entre os ocupados por conta própria quanto entre os empregadores. Em 2016, 18,9% dos trabalhadores por conta própria e 82% dos empregadores estavam em empreendimentos registrados. Em 2012, os percentuais eram de 14,9% e 75,6%, respectivamente.

SERVIÇO
Multas de trânsito poderão ser pagas com débito ou parceladas no crédito
>> pág. 14

BRASIL
Comissão da Câmara rejeita segunda denúncia contra Temer por 39 a 26 votos >> pág. 16

TRABALHO EM CASA

Salvador teve o maior aumento dentre as capitais brasileiras



***55,5%**
representa um aumento de
26,5 mil
pessoas trabalhando em casa, de 2015 para 2016

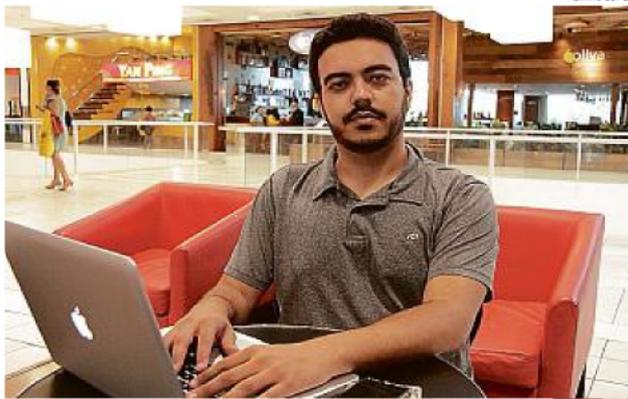


BRASIL
Número de pessoas suficiente para ocupar metade da Fonte Nova

Empresa em casa será autorizada por decreto da prefeitura

Buscando incentivar o empreendedorismo na capital e reduzir a burocracia enfrentada por quem quer abrir empresas na cidade, a prefeitura de Salvador emitirá um decreto na próxima semana permitindo a abertura de empresas em endereços residenciais. O decreto faz parte do eixo Simplifica do programa Salvador 360, lançado em maio pelo prefeito ACM Neto. "A gente viu que havia uma burocratização muito grande com relação a isso, o que fazia com que quem não precisasse de endereço físico próprio para a empresa, tivesse um 'endereço fantasma', o que resultava em despesa desnecessária de escritório. Na prática, o decreto permite que o endereço da empresa seja residencial", explicou o secretário de desenvolvimento Guilherme Bellintani.

Trabalhar de casa pode parecer atrativo para muitas pessoas e vêm ganhando o gosto dos soteropolitanos. Mesmo parecendo uma oportunidade fácil, o técnico do Sebrae Fabrício Barreto ressalta que é importante realizar um planejamento prévio, para só assim colocar a ideia em ação. "Abrir empresas em casa é uma tendência. As pessoas estão tendo mais a iniciativa de empreender em função do momento econômico. Geralmente essas atividades começam de maneira informal, mas é importante que haja um planejamento do negócio", explicou. Dentre as tarefas estão o planejamento de recursos, definição do diferencial da mercadoria diante da concorrência, planejamento de logística de entrega e de marketing, além de separar as despesas da casa das do negócio. "É importante procurar os órgãos reguladores para buscar orientação. Para quem tem o faturamento de até R\$ 5 mil, é importante se legalizar enquanto Microempreendedor Individual (MEI). Para quem ganha mais, já é orientado fazer o CNPJ da empresa", indica.



ALMIRO LOPES

“Você se livra de custo de IPTU, luz, água e passa a ter uma rotina mais organizada”
José Roberto Almeida
Designer, sobre atuar de casa. Agora ele trabalha em qualquer lugar, só precisa de um computador e um telefone



MAURO AKIN NASSOR

“Eu acho que é mais vantagem porque a gente trabalha para os outros, ganha mal e não é valorizado”
Fábio dos Santos
Feirante das ruas que passou a ganhar 4 vezes mais do que quando era auxiliar de entrega

Número de empregados em grandes companhias cai 29%

O número de trabalhadores ocupados em empreendimentos de grande porte (com 50 trabalhadores ou mais) caiu 29%, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua) divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A publicação indica ainda que 26% da população ocupada (empregadores, trabalhadores por conta própria e empregados, desconsiderando o setor público e os trabalhadores domésticos) trabalhava em empreendimentos de grande porte em 2016. Em 2012, eram, no total, 72,4 milhões de pessoas ocupadas, número que saltou para 75 milhões em 2015, vindo posteriormente a cair para os 73,7 milhões do ano passado - o último ano pesquisado.

O estudo divulgado ontem apresenta dados estruturais do mercado de trabalho, referentes ao intervalo entre os anos de 2012 a 2016, e não apenas os conjunturais, divulgados mensalmente. O percentual daqueles que trabalhavam em empreendimentos de pequeno porte (com até 5 pessoas) subiu de 48,1% para 50,1% de 2015 para 2016. "Nesse período em que nós observamos, por exemplo, de queda na ocupação da indústria - até mesmo as de grande porte tiveram dispensas de trabalhadores -, os empreendimentos de menor porte estavam sendo formados absorvendo pessoas", ressaltou a pesquisadora do IBGE Adriana Beringuy. O percentual de pessoas ocupadas (exceto empregados no setor público e trabalhadores domésticos) em empresas de pequeno porte foi maior nas Regiões Norte e Nordeste que nas demais regiões em todos os anos da pesquisa. Em 2016, foram 68% no Norte, 61,7% no Nordeste, 51% no Centro-Oeste, 47,1% no Sul e 42,1% no Sudeste.

Vender nas ruas requer autorização

Durante seu novo trabalho como feirante, Fábio dos Santos teve seus produtos apreendidos pela Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop), o que gerou um prejuízo de R\$ 2 mil. Isso ocorreu porque o empreendedor não possui o cadastro no órgão, que o habilitaria para realizar suas vendas. Para não ter que passar pelo que Fábio passou, os interessados em trabalhar nas vias públicas devem procurar a secretaria. Basta ir à Av. Cardeal Avelar Brandão Vilela (ao lado da Coelba) - Porto Seco Pirajá, portando documentos de registro, como RG, CPF, comprovante de residência e com o nome do local onde pretende trabalhar.

A secretaria entrega uma licença para o trabalhador após 10 a 15 dias de análise. A Semop não confirma o aumento

de 61 mil pessoas trabalhando nas vias públicas. De acordo com o diretor de serviços públicos da secretaria, Adriano Silveira, existem 11 mil trabalhadores regularizados no órgão e cerca de 20 mil ainda sem a licença. A Semop registrou um aumento de 40% no pedido de licenças para trabalhar nas vias públicas da capital de 2015 para 2016. Além do trabalho de conscientização, Silveira atribui o crescimento na procura à crise econômica.

40%
foi o aumento no pedido de licenças para trabalhar na rua

Esta também foi a análise feita pelo prefeito ACM Neto sobre os dados do IBGE. Ele relacionou o acréscimo no número de trabalhadores nas ruas de Salvador com a crise econômica que atingiu o país. "Com a perda de empregos formais, muitos pais e mães de família tiveram que procurar as ruas para trabalhar. É uma forma de sobrevivência. A prefeitura procura ajudar na organização do trabalho dessas pessoas, porque a gente entende que elas precisam disso para sobreviver", comentou.

Para obter a licença, o trabalhador deverá pagar uma taxa entre R\$ 120 e R\$ 350 por mês. "O valor varia de acordo com o equipamento. Um carrinho de lanche tem um valor diferente de uma barraca desmontável", disse Silveira.